

OS EFEITOS DE SENTIDO DO COLONIALISMO NA BASE DO DIZÍVEL DO SUJEITO INDÍGENA¹.

Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo²

Eixo temático: Educação, Currículo e linguagens para as relações étnico-raciais.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o discurso do sujeito indígena, partindo da perspectiva de que, compreender os discursos é compreender o próprio sujeito. Assim, buscamos entender os pré-constituídos, ou seja, os *já lá* que sustentam os discursos e os efeitos de sentido que eles produzem em outras condições de produção. Temos como base teórica a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente nos textos de Pêcheux (1990 e 2002), Orlandi (1990, 2001 e 2007) e Foucault (2010 e 2014), para compreender as relações de poder, a memória, os silenciamentos e as formações imaginárias materializadas nos discursos do indígena guarani/kaiová. A materialidade em análise é constituída por entrevistas com indígenas das aldeias do município de Dourados MS. Entendemos que o imaginário constituído por meio do olhar etnocêntrico de Caminha ao descrever o Novo Mundo e seus habitantes e todo o processo de colonização linguística, continuam definindo os lugares sociais e determina os sentidos que podem e devem circular na ordem do discurso. Assim, o sujeito/língua/alma, reproduz o discurso do colonizador na ilusão de ser origem de seu discurso, ao negar sua própria língua e principalmente, nega-se como sujeito.

Palavras-chave: Discurso Indígena; Colonização linguística; Análise de Discurso.

Introdução

Os traços de determinada formação social são evidenciados pelo lugar que os interlocutores ocupam nessa estrutura e como são colocados em jogo nos processos discursivos. Do mesmo modo, o sujeito das Formações Imaginárias (FI) não é um sujeito biológico, dono de seu dizer; ele também é imaginário e enuncia a partir de uma Formação Discursiva (FD) e prevê seu interlocutor, ou seja, o processo discursivo é instituído a partir de elementos regulativos que permitem alcançar os efeitos de sentido desejáveis.

É diante dessa representação dos lugares de quem fala que ocorrem as projeções das imagens entre interlocutores. Contudo, para o sujeito, o fato de ele ser

¹ Este texto é um recorte da Tese de doutorado, SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA E OS EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA LÍNGUA QUE CAMINHA. 2019.

² Desenvolve estágio Pós Doutoral na linha de pesquisa; **Linguística e transculturalidade/Estudo de língua(gens) e discurso** na Faculdade de Comunicação Artes e Letras FACALE da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD.

resultante de um processo de representações é apagado ao ser inserido no âmbito simbólico. Sua identidade, então se torna evidente, sem que ele perceba sua interpelação pelo ideológico e é sob essa evidência de realidade para si que ele enuncia, vê e ouve. O que funciona nesse processo não é a pessoa empírica, (o professor, o aluno, o indígena), mas as projeções de suas *imagens representadas*.

Essas projeções originam, segundo Pêcheux (1990, p. 83) uma série de “formações imaginárias” que designam a imagem que os sujeitos fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Nesse sentido, pode-se identificar o lugar de **A**, atribuído pelo sujeito que ocupa esse lugar e o lugar e a posição ocupada por **B**, sobre *si* e o *outro*.

É neste jogo de imagem entre A e B que o sujeito indígena sempre fora representado, a partir do olhar do outro, que sem conhecimento suficiente e orientado por um código de significação compartilhado coletivamente, buscou invisibilizar, silenciar suas singularidades. Nesse processo de silenciamento foi e é intensificada a negação de sua língua e a imposição e valorização da língua do colonizador como algo de prestígio na sociedade. Pois, o silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer (ORLANDI, 2007, p. 73-74).

Desenvolvimento e análise

Os discursos outros sedimentados na memória coletiva buscam a naturalização de uma imagem pejorativa sobre o sujeito-índio, contudo, cabe a colocação de que se tais discursos ainda circulam e produzem sentido, é porque os sujeitos marginalizados exercem certo poder nesta relação conflituosa. Assim, a FD dominante circula na ilusão de exercer o poder, pois tem o objetivo de cercear outros sentidos, controlar os sujeitos, contudo, o poder se constitui em cadeia, ou seja, ao mesmo tempo que se exerce, também se sofre os efeitos de suas ações. Este processo se confirma, pois, como toda atividade humana, é efetivada na e pela linguagem. Ela é mais um mecanismo de poder que chega onde o “chicote” não chega mais, mas se torna um instrumento de violência também.

Esses processos de apagamento do índio da identidade cultural nacional tem sido, escrupulosamente mantido durante séculos. E se produz pelos

mecanismos mais variados, dos quais a linguagem, com a violência simbólica que ela representa, é um dos mais eficazes (ORLANDI, 1990, p. 56).

O efeito de sentido de apagamento é cristalizado pelo Estado e reproduzido socialmente, quando se fazem vistas grossas a questões que podem propiciar a esse povo uma visibilidade, no mínimo como ser humano pertencente à nação brasileira. E isso pode ser identificado, ao observar não somente a educação escolar imposta, como também, os “confrontos” com os fazendeiros, a situação de confinamento, a miséria, o alcoolismo e a violência que ocorre sob todas as formas.

A discursividade do não indígena sobre o índio tem relação com a representatividade ou a falta dela em espaços de circulação social, pois os estatutos definidos como esteticamente positivos definem as relações de poder no cotidiano e as posições dos sujeitos. Nesse sentido, a imagem que o índio faz de si é a imagem com que o outro tem dele, uma vez que é interpelado por uma FD, dita em algum lugar, que já o determina como tal. Dessa forma, considerando as relações de poder na luta de classes, o sujeito busca não se identificar com as imposições negativas, isso porque há uma memória discursiva que atualiza efeitos de sentido de negação de sua imagem constituída historicamente.

SD- Minha prima conseguiu emprego na cidade, **mas ela nem parece índio**, o pai dela é Terena e a mãe é mestiça, **ai não parece muito, porque se parece ai é mais difícil emprego**. Se for trabalhar na cidade nem vai precisar disso né, lá ta tudo no português, **as pessoas até ri quando vê a gente falando a nossa língua, acha feio. Não busco essa cultura que eles tem na verdade, os mais antigo só que tem essa cultura, os mais novos nem sabe o que é isso, pra conhecer melhor, e tem muito preconceito nisso também, aqueles que tá crescendo nem liga pra isso , aprende mais coisa na escola mais coisa brasileiro** (Jovem indígena kaiowá. Grifos nosso).

Refletir acerca do enunciado, “*mas ela nem parece índio*”, é considerar as relações constitutivas das condições de produção, ou seja, a historicidade dos discursos da posição sujeito indígena e não indígena, uma vez que esse enunciado discursiviza a concepção que o índio possui de si, do mesmo modo que remete ao discurso do não índio sobre o índio. Não parecer índio reverbera a imagem já significada negativamente em oposição ao que foi pré-construído historicamente, ou seja, ao imaginário europeu.

Nesse jogo de imagem o outro é significado como inferior e não como diferente, assim, os sentidos de inferioridade impõem deformidades sobre o

oprimido, o “eu” marca posição de superioridade e fixa o outro nessa rede de sentidos negativos a ponto de ele mesmo negar sua própria existência como sujeito.

Esta negação pode se constituir, como no caso da SD, tanto pelos traços fenotípicos “*ai não parece muito, porque se parece ai é mais difícil emprego*” quanto pela língua, “*Se for trabalhar na cidade nem vai precisar disso [a língua] né, lá ta tudo no português*”. A relação de alteridade é configurada por meio de FD das classes dominantes, com vontade de verdade, que implica sobre o outro sentidos e valores, ou seja, são estabelecidos padrões de normalidades a partir do referencial oponente. Podemos perceber que o projeto político-linguístico de colonização teve como premissa o apagamento das línguas indígenas e, por conseguinte, do sujeito-índio. Assim, o indígena repete o mesmo discurso, a mesma história, “porque muitas vezes não há como dizer essa outra história a não ser pelo uso da língua vinda com o colonizador” (MARIANI, 2004, p. 24). Desse modo, ao silenciar tais línguas, automaticamente, silenciam-se seus falantes e se interdita a produção de sentidos na língua materna, tornando o processo de dominação mais eficaz.

Algumas considerações

A identidade indígena sempre foi instituída pelo outro, numa tensão histórica dos sentidos, desde a invasão dos colonizadores. Dessa forma, considerando que o sujeito se constitui por meio da simbolização, uma vez que o “real” é o impossível como indica Pêcheux (2002), o que se tem é apenas a realidade constituída no e pelo discurso.

Assim, os sentidos constituídos pelas FD irrompem e evidenciam nas práticas discursivas a ilusão de que eles foram sempre assim. No entanto, a questão da identidade não se constitui por si só, é antes de tudo, como defende Orlandi (2001), uma posição - sujeito em uma relação histórica com o outro, é o movimentar do sujeito na história. É um processo de disputa, de atribuição e reconhecimento que não se constitui fora dos efeitos do jogo de sentidos de uma luta de classe. E é a partir desse imaginário sufocado entre ser índio e não poder ser, ou seja, não ser nada, que o sujeito enuncia, ora como um bom sujeito que se identifica com a FD dominante, mas resiste por meio das contradições, ora como um mau sujeito que se

contra-identifica e muda de posição. Contudo, sempre assujeitado, pois é condenado a significar.

Referências

FIGUEIREDO, A. A. A. **Saberes indígenas na escola e os efeitos de sentido sobre uma língua que caminha**. 2019. 158f. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel PR. 2019.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARIANI, B. **Colonização linguística**; línguas, política e religião (Brasil, sécs. XVI a XVIII e Estados Unidos da América, século XVIII). Campinas, Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo, Cortez; Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

_____. **Discurso e Texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas, Pontes, 2001.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 6.ed. Campinas (SP): Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Toni (Org.) Tradutores Bethania Mariani [et al.]. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990 [1993].

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002